



O simbolismo nos discursos: regras e práticas que produzem estereótipos no meio social

The symbolism in the parlance: rules and practices that produce stereotypes in the social environment

Diogo Roberto da Silva Andrade ^{a,*} 

Franciéle Carneiro Garcês da Silva ^a 

RESUMO: A Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), enquanto campos científicos, em suas diversas abordagens pesquisam os sujeitos e as culturas que os atravessam. No progresso científico da área é notável que a transdisciplinaridade seja substancial para uma compreensão humanista nas unidades de informação, para que se consiga ampliar os diálogos, métodos e propostas de pesquisa. Com isso em mente, esta pesquisa tem como objetivo analisar os discursos sobre os estigmas sexuais à luz do “Estigma do passivo sexual”, de Michel Misse, com foco na representatividade de sexualidades, na semântica e na metáfora inseridas no cotidiano. Trata-se de uma pesquisa participativa, de abordagem qualitativa, com objetivos descritivos. Por fim, nota-se que o discurso falacioso e os vieses cognitivos estão enraizados socialmente e demanda um olhar holístico e crítico no julgamento do outro, principalmente nas práticas dos atores da BCI, que tratam da informação como forma de emancipação social.

Palavras-chave: Estereótipo; Ciência da Informação; Sexualidades; Semântica; Michel Misse.


ABSTRACT: Librarianship and Information Science (LIS) research the subjects and cultures that cross this scientific field. In the scientific progress of the area, it is notable that transdisciplinarity is substantial for a humanist understanding of the information units. At this point, dialogues, methods, and research proposals make efforts to grow this area and his relatives' fields. With that in mind, this research aims to analyze the discourses on sexual stigmas in the light of the “Stigma do passivo sexual” by Michel Misse, focusing on the representativeness of sexualities, semantics and metaphors inserted in everyday life. This research is the participatory method with a qualitative approach and descriptive objectives. Finally, it could be noted that fallacious discourse and cognitive biases are socially rooted and demand a holistic and critical look at the judgment of the other, especially in the practices of LIS actors, who deal with information as a form of social emancipation.

Keywords: Stereotype; Information Science; Sexualities; Semantics; Michel Misse.

^a Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Diogo Roberto da Silva Andrade. E-mail: didts@hotmail.com.

Recebido em/Received: 17/07/2023; Aprovado em/Approved: 17/11/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

INTRODUÇÃO

Os indivíduos que formam uma sociedade não deveriam ser interpretados e/ou julgados de forma previsível, binária e genérica. O que compõe um indivíduo e a sua performance no mundo atravessa discursos e orientações normativas postuladas por órgãos de poder, sejam eles políticos, culturais, sociais ou pedagógicos. A partir dos estudos de Michel Misse sobre os estigmas sexuais, pode-se compreender que o julgamento humano parte de princípios simbólicos, semânticos e metafóricos. Os discursos sobre o *Outro*¹ podem ser vistos como tomadas de decisão, ainda que de forma “inconsciente”.

Tem-se consciência de que a Ciência da Informação (CI) se preocupa com os caminhos e as representações da informação na sociedade. Como campo científico se expande entre abordagens subjetivas, ou seja, aquilo que depende da mente dos sujeitos para ser significado; e de abordagens objetivas, neste caso, os documentos em si. Um ponto de partida para este artigo é definido por Capurro e Hjørland (2007, p. 155), que conceitua Informação com aquilo “que é informativo para uma determinada pessoa” e Informativo como algo que “depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo”. Dessa forma, pode-se compreender que tudo aquilo que se constrói, gerencia, interpreta, recupera, evidencia, transforma e utiliza em comunidade gera demandas inquietantes na CI.

Outro ponto necessário de salientar, e reafirmar, é o caráter transdisciplinar da CI. Capurro e Hjørland (2007) propõem que a informação é um meio de se obter conhecimento. Sendo os sujeitos emissores e receptores da informação. Sabendo que a informação passa por processos de gestão. Sabendo que a comunicação é dada entre sujeito e sujeito, sujeito e comunidade e, não obstante, entre sujeito e máquina. É observável que os campos da CI atravessam fronteiras nas diversas áreas do conhecimento, pois diversas problematizações de mundo não podem ser resolvidas apenas pelas própria CI e pelas Ciências Sociais Aplicadas.

A partir destes fundamentos, compreende-se que os sujeitos que se apropriam das informações para atingir níveis de conhecimento prático e níveis de erudição filosófica, nos domínios da CI, podem ser interpretados como interagentes. Pois, estes sujeitos coparticipam, ou podem vir a interagir, com as diferentes tipologias de documentos de um acervo em unidade de informação, apropriando-se das informações tácitas e explícitas para preencher lacunas no conhecimento e nas tomadas de decisões em nível pessoal, acadêmico, profissionalizante etc. Ainda que se associe a interatividade com o “uso de ferramentas tecnológicas, o termo ‘interagente’ pode ser aplicado em

¹ Neste estudo adota-se a perspectiva do *Outro* – grafado em itálico – que foi socialmente construído pela hegemonia para se referir e tratar os sujeitos e os coletivos colocados à margem do social pelos mecanismos de poder. Portanto, demonstra-se o *Outro* adotado pelo discurso coletivo hegemônico se referindo às mulheres, às pessoas que se entendem e se identificam como pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+), às pessoas de pertença étnico/racial, às pessoas com deficiência e as interseccionalidades.

diferentes contextos, independentemente da relação com o computador”, como proposto por Corrêa (2014, p. 29).

Em um acervo de biblioteca, por exemplo, um sujeito pode buscar assuntos que façam expandir o seu conhecimento sobre questões sociais que permeiam o seu cotidiano. Para elucidar o que se determina por *busca* em unidade de informação, elenca-se nesse espaço de elucidação o assunto **sexualidade do homem**. O termo será pesquisado por um indivíduo em uma base de dados, seja ela mecânica em fichas catalográficas ou digital em sistemas de recuperação da informação (SRI). A partir da necessidade de informação do interagente, emerge nos atores da unidade de informação questões basilares sobre os serviços, recursos e documentos disponíveis, tais como: Qual termo pode ter sido escolhido pelas pessoas bibliotecárias para representar o assunto? Qual instrumento foi utilizado para traduzir a palavra-chave da língua natural para o termo na linguagem documentária? Como estão representadas as diversidades sexuais na classificação e catalogação utilizadas? Quais decisões foram tomadas quando se elegeu os termos tópicos e as remissivas (*ver e ver também*)? Tão importante quanto essas questões é refletir sobre: como a recuperação da informação está ajudando o interagente na sua busca por informação?

As questões supracitadas são provocações iniciais para instigar a reflexão sobre as tomadas de decisões dos atores, ainda no nível de processos do tratamento dos documentos nas unidades de informação (sejam elas bibliotecas ou centros de referência, museus, arquivos, entre outras). Contudo, não serão aprofundadas essas questões iniciais. Elas devem ser compreendidas como propostas para a autoavaliação da atuação cotidiana, em especial as pessoas bibliotecárias e cientistas da informação. O exercício de problematização permite refletir sobre a criticidade nos trabalhos realizados por essas profissionais nas unidades de informação.

Retomando ao propósito central deste artigo, o exemplo de busca elaborado anteriormente demonstra que o saber-fazer da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) depende de uma gama de conhecimentos das áreas e, também, de relações com outras ciências (Sociologia, Linguística, Administração etc.) para que se possa compreender as necessidades dos sujeitos e realizar um tratamento adequado de um acervo. Assim, observa-se que as tomadas de decisões estão presentes em diversas circunstâncias na BCI, seja na ação de selecionar uma obra, na representação temática, nos serviços de referência, na mediação da informação e da leitura, e nas necessidades dos interagentes.

As tomadas de decisões não ocorrem em um tempo-espaço isolados e neutros. São atitudes políticas e se constroem a partir de paradigmas sociais e sofrem interferências de vieses cognitivos. É possível apreender uma cadeia de culturas hegemônicas, coloniais e patriarcais – ditas universais – que, a partir da sua *práxis*, balizam as culturas de Outros sujeitos e coletivos, levando estes à marginalização. As “subculturas” só são colocadas neste espaço adverso a partir de um olhar do grupo “dominante”. Compreende-se, assim, que o comportamento opressor é, também, uma tomada de decisão que gera as injustiças sociais. Este grupo de injustiças podem ser percebidas

como: costumes morais que anunciam uma padronização de modo de vida e que permitem – negativamente – o apagamento e silenciamento de outros costumes, culturas, modos de ver, ser e se entender no mundo (Silva; Garcez; Silva, 2022).

Uma cultura que se coloca como dominante cria significados que exercem segregação em outras culturas, comunidades e sujeitos que não se enquadram dentro de um padrão social normativo. Tratando do tema *sexualidades*, o padrão heteronormativo representa a força opressora na sociedade ao longo dos tempos. Na busca de uma historicização dos significados atribuídos aos corpos, Weeks (2019) encontra na Antropologia Social, na Sociologia e em pesquisas sobre sexo (conceito amplo) o paradoxo cultural e intracultural de padrões demarcadores. Assim, pode-se compreender que o comportamento humano é modelado socioculturalmente de formas pedagógicas; as transições e as transgressões do espectro sexual em uma cultura denunciam o etnocentrismo, ainda que a forma como os sujeitos atuam em sociedade não seja unívoca (não permite uma única interpretação) (Mauss, 2003; Louro, 2019; Weeks, 2019; Foucault, 2020). Contudo, mesmo com a pluralidade de sujeitos e corpos, as diversidades foram construídas ao longo dos últimos séculos a partir da cultura de poder dominante cristalizada na história e na política.

Regularmente, as expressões que são utilizadas para dar significado ao mundo são resgates culturais. Quando se opta por usar expressões que oprimem e sujeitam o Outro, estas representações possivelmente têm raízes que partem de sistemas de poder. Misse (1979, p. 11) aponta que os movimentos feministas na década de 1960 na perseguição emancipacionista encontra “[...] na luta pelos direitos civis, a exigência de mudanças radicais nas relações que cristalizam papéis sexuais [ainda] hoje considerados opressivos e anacrônicos”.

Com intuito de compreender as significações semânticas, Misse (1979, p. 32) realizou uma análise dos discursos sociais sobre as pessoas passivas sexualmente. O pesquisador buscou identificar “a estigmatização de uma ‘função sexual’ ou de seu desempenho [sexual]” alusivo “a existência de um atributo social desacreditador relacionado com um estereótipo do que seja uma função biossexual da mulher”. O estudo de Misse (1979), realizado há mais de 40 anos, ainda é um ponto de discussão social, pois as sexualidades não são construções estáveis e binárias, tampouco se prendem a metáforas e significações construídas e representadas pelo/no imaginário coletivo. As sexualidades dizem dos corpos e culturas, os espectros de identidade de gênero, expressão de gênero, sexo, orientação sexual e orientação afetiva estão em trânsito, são fluidas e não devem ser deterministas (Week, 2019).

Nos campos da BCI, é papel de seus atores assegurar uma informação que permita a apropriação por todos os sujeitos. Os discursos no ambiente informacional precisam se entender como um discurso político; não é recomendável existir discursos que se digam neutros ou inconscientes de contextos e injustiças nas unidades de informação. Os diferentes atores da BCI em uma unidade de informação devem compreender conhecimentos prévios, agregar habilidades, manter atitudes auspiciosas, agir com valores de integridade e tomar decisões assertivas sobre os atos sociais.

Não devem ser comportamentos aceitos por um ator na BCI aqueles que apresentam discursos enviesados, pautados em ódio pelo *Outro* e em dogmas religiosos, militares, médicos, culturais, entre outros. Contudo – como Vergueiro (1989) apontou em seus estudos sobre seleção de materiais e censura –, é evidente a existência de pressões sociais e políticas, além de questões inerentes aos atores, que muitas vezes fazem com que as pessoas bibliotecárias tenham ações de autocensura e autopolicimento, apresentadas de forma involuntária ou mecânica.

Diferentemente das ações inconscientes, ou seja, quando os atores agem por decisão de cerceamento e policiamento, Vergueiro (1989) aponta para a censura em exercício. O que divide o ato mecânico do ato racional censor é uma linha tênue, pois os sujeitos não estão separados de sociedade, cultura e política. Dessa forma, é evocado o tema da autocensura e a censura à luz desta discussão para enfatizar que o que é inerente aos sujeitos pode ser transmitido, reproduzido e aplicado de forma ampla e transdisciplinar nos campos da BCI.

Sobre as competências críticas nas práticas cotidianas da BCI, a autoanálise é dada por Vergueiro (1989) como fundamental nas ações das pessoas bibliotecárias. Abrangendo a urgência de criticidade dos atores de unidades de informação com as questões que envolvem as tomadas de decisões na representação da diversidade sexual dos sujeitos, têm-se, portanto, como questão central deste artigo a premissa de Michel Misse (1979) sobre o discurso sociocultural e o símbolo estigmatizado do passivo sexual. A partir da pesquisa histórica, conceitual e simbólica de Misse (1979), se questiona: *o estigma sexual está empregado nos discursos dos(as) estudantes da Ciência da Informação?*

Trazer a oportunidade de debate social, pedagógico, cognitivo, semântico e metafórico sobre sexualidades para o campo da BCI, relacionado aos discursos, aproxima-se do que Capurro e Hjørland (2007, p. 182) propõem ao dizerem que:

a semântica e a pragmática, entre outras coisas, são essenciais para um melhor desenvolvimento teórico da [Recuperação da Informação] RI e, a longo prazo, para o aperfeiçoamento dos sistemas operacionais.

Portanto, pode-se interpretar que a atuação na BCI não se devota da objetivação. A atuação dos profissionais, sejam eles da Biblioteconomia ou da Ciência da Informação, deve avançar em campos humanistas e holísticos retirando a *práxis* tecnicista dos atores na pretensão de melhorar os ambientes altamente digitais carregados de fórmulas e proposições binárias esvaziadas de criticidade. Os debates transgressores ampliam o escopo da informação social. Pois, a subjetivação do que se toma como significado, conceito, expressão, termo e outras formas de representação dos discursos, como visto, perpassa por questões culturais, sociais, pedagógicas, sobretudo, políticas e informacionais.

Para que este artigo é proposto como **objetivo geral**: investigar, a partir do discurso das pessoas mestradas de um curso de Ciência da Informação, a estigmatização sexualizada do passivo sexual. Quanto aos **objetivos específicos**, busca-se: (a) aplicar a pesquisa léxico-discursiva de Misse (1979) nos discentes de mestrado em Ciência da Informação; (b) analisar a compreensão das pessoas mestradas quanto a função

sexual: passivo e ativo; e (c) debater sobre o comportamento heteronormativo presentes nos discursos sociais.

METODOLOGIA

A pesquisa que se propõe neste artigo replica parte dos questionamentos e análises feitas por Michel Misse em seu livro *O Estigma do Passivo Sexual* – escrito em 1974 e publicado em 1979. O que se persegue é a compreensão do que o imaginário social aplica como regra nos discursos sobre diferenças de sexualidades. Os estigmas sociais são balizados por normas teóricas e práticas que mesmo de forma inconsciente são reproduzidas no meio social. Para tal, organiza-se os conjuntos de métodos como propostos a seguir.

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada que pretende “gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos” (Silva; Menezes, 2005, p. 20), na intenção de buscar maiores compreensões sobre o tema. A interferência causada pela pesquisa produzirá reflexão pontual sobre o tema em um nicho específico de atores sociais.

Considerando que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Silva; Menezes, 2005, p. 20), a pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa para o estudo dos dados. Também há o uso da abordagem quantitativa, uma vez que se propõe o empirismo ao analisar o discurso cotidiano de forma estatística, traduzindo “em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 69).

Do ponto de vista dos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52-53), “têm por objetivo estudar as características de um grupo: distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade [...]; levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população, bem como descobrir a existência de associações entre variáveis”. Os dados obtidos serão transcritos e comparados com os dados levantados, descritos e analisados por Misse (1979), desse modo, não cabe ao pesquisador interferir sobre os dados buscando os fatores e motivos que os causam na sociedade. A pesquisa opera de forma a retratar os discursos dentro do recorte que será detalhado a diante.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e participante, uma vez que o pesquisador está inserido no ambiente do qual deseja replicar a pesquisa de Misse (1979). Prodanov e Freitas (2013, p. 67), propõem que:

[...] quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Essa pesquisa, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A descoberta do universo vivido pela população

implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem.

O procedimento bibliográfico se dá nesta pesquisa, pois, a base fundante da pesquisa é um livro, que já teve seus dados interpretados. Ou seja, o pesquisador é orientado a partir da pesquisa publicada anteriormente que lhe dá bases necessárias para a coleta de dados de forma consistente, delimitando a “previsão de análise e interpretação de coleta de dados, considerando o ambiente em que são coletados e as formas de controle das variáveis envolvidas” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

O método científico que se baseia o comportamento lógico e investigativo do pesquisador se dá pela fenomenologia, pois segundo Silva e Menezes (2005, p. 27):

o método fenomenológico não é dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado.

O Quadro 1 exemplifica o conjunto metodológico de pesquisa de forma simplificada e ilustrativa.

Quadro 1. Desenho metodológico.

| Aspecto | Descrição |
|--------------|--------------------------------------|
| Natureza | Aplicada |
| Abordagem | Qualitativa/Quantitativa |
| Objetivos | Descritiva |
| Procedimento | Pesquisa participativa/Bibliográfica |

Fonte: Elaborado pela autoria (2022).

Assim, forma-se o conjunto de metodologias utilizadas para a pesquisa que se propõe neste artigo. Tendo como premissa a pesquisa de Michel Misse (1979) aplicada na contemporaneidade (no ano de 2022).

Universo da pesquisa

Como proposto por Misse (1979), para examinar empiricamente os discursos sobre o estigma do passivo sexual foram entrevistados homens e mulheres. Já no caso deste artigo, o universo em que será aplicado o questionário é formado por 36 discentes do curso de pós-graduação (nível mestrado) em Ciência da Informação de uma Instituição de Ensino Superior (IES) brasileira. A população é mista, formada por pessoas que podem se identificar como mulheres, pessoas não-binárias e homens. Este universo da pesquisa contempla as pessoas mestrandas com ingresso nos anos de 2021 e 2022 que estão/estiveram vinculadas ao referido curso de pós-graduação de acordo com a página do corpo discente do próprio programa.

Na proposta de apreender sobre a cientificidade apresentada por Misse (1979) na pesquisa outrora realizada, traz-se nas análises e discussões os dados originalmente apresentados em sua pesquisa. A partir dessa recuperação e interação com os dados e com as análises pode-se, também, observar aspectos do comportamento humano

heteronormativo nas duas épocas e nos dois *corpus* da pesquisa. Pois, em cada sujeito cargas semânticas são aspiradas de diversas formas em seus cotidianos, na vida pública e na vida privada. Este sujeito e seu universo de significações estão inseridos em contextos sociais, políticos, pedagógicos, culturais etc. (LOURO, 2019; WEEKS, 2019). Portanto, pode-se compreender que pessoas diferentes não de agir de formas diferentes perante a mesma situação (Nolen-Hoeksema *et al.*, 2018).

Para coleta dos dados foi elaborado um questionário eletrônico, de questões mistas (múltipla escolha, dissertativa e de ranqueamento) utilizando o *Microsoft Forms*. Tal questionário foi composto de quatro blocos de questões, a saber:

- a) **Caracterização demográfica** – as questões coletam dados sobre local, idade, gênero, sexualidade, estado civil, religião e escolaridade;
- b) **Comportamentos sociais** – as questões pretendem coletar dados para que se compreenda as questões sociais da pessoa entrevistada;
- c) **Informações sociais** – neste bloco de questões replica-se as três perguntas de Misse (1979) tal qual é proposta em seu livro: “Você é passivo?”, “Você é passivo sexualmente?” e “É ‘bom’ ser passivo sexualmente?”;
- d) **Expressões sociais** – por fim, os dados coletados neste bloco poderão representar os discursos das pessoas mestradas quanto as definições representadas primeiramente por Misse (1979) sobre a distinção sexual.

Esta pesquisa foi alicerçada pelos aspectos éticos da pesquisa realizada com participação de seres humanos previstas na resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (2016). O que visa a segurança dos sujeitos pesquisados, atendendo no que diz respeito à dignidade e proteção das pessoas respondentes. Todas e quaisquer pessoas respondentes aceitaram participar da pesquisa a partir da leitura e aceite do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, no qual se informou que suas identidades seriam preservadas e mantidas em sigilo de acordo com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (2016). Os dados da pesquisa coletados, por sua vez, são mantidos e utilizados para esta pesquisa e desdobramentos futuros (CONSELHO... 2016).

Previamente foi orientado às pessoas respondentes que elas poderiam deixar de responder ao questionário caso não concordem por quaisquer motivos. Também, foi orientado para que a pessoa respondente perante qualquer dúvida enviasse *e-mail* ao pesquisador responsável.

Os dados foram recolhidos e tabulados utilizando as ferramentas do *Microsoft Forms* e *Excel* entre os dias 25 de outubro de 2022 e 05 de novembro de 2022. Como dito, para a análise dos dados um estudo comparativo será realizado trazendo os dados preliminares de Misse (1979) em que pesquisou um grupo de 46 pessoas no Rio de Janeiro na década de 1970. Os discursos do cotidiano de outrora frente ao discurso cotidiano contemporâneo poderá esboçar comportamentos do imaginário coletivo e vieses cognitivos.

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL

Na tentativa de compreender no discurso cotidiano a revelação do símbolo de estigma, em uma determinada esfera ocupada por signos linguísticos (o “palavrão” e as “expressões de gírias”), Misse (1979, p. 08) propõe que:

1. que um símbolo de estigma pode-se manifestar ao nível do discurso; 2. que um símbolo de estigma não precisa ser necessariamente evidente, nem seu emprego no discurso ser de uso consciente, para que possa existir como tal; 3. que este símbolo de estigma representa uma relação de estigmatização que não existe nas relações interpessoais, a não ser enquanto estas relações exprimem o discurso no qual aparece o símbolo de estigma.

O estigma social é “fruto das desigualdades sociais e da construção discriminatória [...] para com as identidades dissidentes à norma heterossexual e cisgênera” (NASCIMENTO; MATA, 2021, p. 03). O sujeito estigmatizado tem suas características rotuladas a partir de suas diferenças identitárias, corporais e comportamentais àquilo que é culturalmente dado como “normal” socialmente; o homem cisgênero, heterossexual, branco e europeu desenha na sociedade esta norma. É a partir dos discursos medicalizantes, religiosos e políticos que surgem e proliferam as definições das “anormalidades”, reguladoras dos corpos e condutoras das discriminações e exclusões para com o *Outro*. Desse modo, o estigma que concebe os estereótipos, ou seja, imagens generalistas propostas pelo senso comum sobre as performances do que se entende por masculino e feminino.

Para Goffman (1970), citado por Misse (1979, p. 23), “o ‘estigma’ é, antes de mais nada, uma relação formal pela qual são atribuídos comportamentos e expectativas ‘desacreditados’ ao indivíduo que tenha mostrado ser dono de um ‘defeito, falha ou desvantagem’”.

O estigma está – a partir de seu conceito – relacionado à classificação de corpos balizados pela pedagogia social ideológica, dogmática, patriarcal entre outras. Um conjunto de práticas sociais não intencionais frequentemente replicadas são dadas por Misse (1979) como discursos inconscientes do sujeito. Desse modo, o autor reitera o que Vergueiro (1989) propõe sobre as ações mecânicas e as ações conscientes. Por consequência, o discurso inconsciente surge da reprodução acrítica de signos comportamentais cristalizados na sociedade. Como proposto pelos autores, a pressão cultural e política que normaliza os discursos não exime de seus atores a exclusão e a marginalização do *Outro* (estigmatizado).

São diversos os signos sociais que reproduzem os estigmas, como papéis sexuais e as opressões subscritas. Misse (1979) recorda que a ciência de Sigmund Freud (1856-1939) atribuía à mulher cisgênero uma inferioridade biológica pela inexistência do pênis, Freud “instituiu o ‘defeito’ como base de uma parte fundamental de sua teoria da sexualidade” (Misse, 1979, p. 14). Essa teoria fundamenta uma visão tendenciosa do “êxito” masculino sobre o “fracasso” feminino (Freud *apud* Misse, 1979). Pode ser

observado, a partir deste movimento, uma contribuição cognitiva e semântica às questões de gênero e sexualidade.

Essa instituição dominante da masculinidade também foi proposta por Erich Fromm (1900-1980), citado por Misse (1979), que respaldava o comportamento sexista que produz a pedagogia dos corpos na sociedade. A abordagem normativa de Fromm atribui à masculinidade a “iniciativa, ousadia e coragem”, enquanto para a feminilidade é atribuída a “paciência, confiança e encanto” (Misse, 1979, p. 14) lançando socialmente um repertório terminológico associativo e opositor.

Sobre a proposta semântica, normativa e pedagógica dos corpos, Foucault (1993) citado por Weeks (2019), indica quatro unidades estratégicas e práticas de poder mantidas socialmente desde o século XVIII, as quais regulam o sexo na sociedade: a sexualidade das mulheres; a sexualidade das crianças; o controle de reprodução; e perversões sexuais (como patologias). Posteriormente no século XX, entre as décadas de 1950-1960, os sistemas de controle social trazem da Psicologia o binarismo de gênero com os papéis apropriados para homens e mulheres (na vida pública/privada) e a caça aos “degenerados” sexuais (homossexuais) (Weeks, 2019).

Esse complexo de fundamentos e práticas socioculturais “tem por referência ‘o eterno feminino’, o conjunto de atributos que configuram desde os papéis sexuais até o caráter e a personalidade da mulher entre nós” (MISSE, 1979, p. 15). Ou seja, um agrupamento demarcador e tendencioso que contribui para a manutenção do machismo na sociedade. Logo, a passividade é dada como um estereótipo da feminilidade, associada a uma função sexual agregada a aspectos psicológicos e aspectos biológicos (Misse, 1979).

Em consequência do estigma sobre o feminino, o passivo sexual não é visto como “normal” socialmente. O passivo sexual é sujeitado ao diferente, estranho e menosprezado. O estereótipo formado sobre a identidade social do Outro é marginal uma vez que seja desviante de atributos físicos e psicológicos baseados na norma social. Goffman (1970), citado por Misse (1979, p. 24), desenvolveu seu estudo sobre fundamentos da *informação social* e do *controle da informação* que são indispensáveis para compreender a “manipulação social do ‘estigma’ como uma linguagem de relações, formalizada em razão de equivalências (‘normal’ e ‘anormal’), [...]”.

É atribuído ao comportamento social e as performances de gênero o que se dá por masculino e feminino:

É interessante neste caso, observar que o homossexual masculino chamado ‘ativo’ não é tão estigmatizado quando o chamado ‘passivo’. A identificação de ‘viado’ é de ‘quem dá pra outro homem’. O que ‘come’ não é necessariamente identificado como ‘viado’, não é homossexual, não entra diretamente na classificação [...] (Misse, 1979, p. 62).

Isso posto, observa-se que os grupos são subdivididos por perspectivas sobre as condutas ou papéis sociais. O dogma da feminilidade atravessa os corpos, se desdobra

sobre as sexualidades e as orientações sexuais, visto que o homossexual passivo é inferiorizado em contraponto ao homossexual ativo que não recebe cargas do estigma feminino.

Para Louro (2019, p. 10), são diversas as formas de “fazer-se mulher ou homem”, assim como são infinitas as “possibilidades de viver prazeres e desejos corporais”, essas combinações de gêneros e sexualidades “são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas, socialmente” ao passo que são “reguladas, condenadas ou negadas”. Contudo, não bastam signos sociais, biológicos, linguísticos e estéticos para subjetivar e objetivar os sujeitos na vida pública/privada.

Arruda e Araujo (2021, p. 02) argumentam os estereótipos criados na intenção de classificar os sujeitos da norma e o Outro são:

[...] marcas criadas e impostas [que] servem como muralhas a serem desconstruídas pelo sujeito que não se identifica com as maneiras e modelos já estabelecidos socialmente. Quebrar essa barreira causa uma estranheza do já estabelecido, uma diferenciação do que já é tido como ‘normal’, implicando em novas formas de ser reconhecido em meio ao conjunto. Esse reconhecimento torna essas pessoas mais suscetíveis a formas de interações ao seu redor, inclusive a diferentes formas de violência.

A pedagogia de gênero-sexualidade (Louro, 2019) é moldada pela rede de poder da sociedade. A máxima foucaultiana “saber-poder-prazer” circunscreve a sociedade e delimita não só os comportamentos sociais, mas tudo o que envolve o desejo e o prazer. Assim, o conceito de *Outro*, ou seja, aquele ou aquela “que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos” (LOURO, 2019, p. 17). Com isso, nota-se que o comportamento humano é demarcado por práticas e linguagens que constituem os sujeitos femininos e masculinos, logo o estereótipo, o estigma e a marginalização do *Outro* estão, também, sob as concepções dos vieses cognitivos.

VIESES COGNITIVOS E AS HEURÍSTICAS

O mundo moderno em que habita a sociedade da informação é marcado por complexidades e a rápida expansão dos seus domínios. O cérebro humano não se desenvolve na mesma velocidade que as sofisticadas tecnologias digitais (BAZERMAN; MOORE, 2014). De acordo com Bazerman e Moore (2014), as heurísticas (psicologia cognitiva) partem do pressuposto da diminuição no esforço para as tomadas de decisões, os seus processos são simplificados e permitem processar menos informações. As heurísticas podem ser subdivididas em: Disponibilidade; Representatividade; Confirmação. Isso posto, compreende-se que “as heurísticas frequentemente produzem decisões eficazes. Porém, elas também levam [...] a fazer julgamentos sistematicamente tendenciosos”, os vieses cognitivos surgem quando se usa as heurísticas de forma inadequada (Bazerman; Moore, 2014, p. 57).

Portanto, os processos decisórios perpassam os processos cognitivos, “ligados à atenção, percepção, pensamento, linguagem, aprendizagem, memória, resolução de problemas e tomada de decisões” (Eysenck; Keane *apud* Andrade, 2019, p. 509). As heurísticas, por serem processos cognitivos, se envolvem com os estereótipos reproduzidos pelas linguagens e pedagogias de demarcação no meio social. Logo, as tomadas de decisões sofrem de influências do meio. Assim, uma decisão pode ser espontânea ou consciente; portanto, toda decisão é um fazer político que envolve “poder e saber”.

Nolen-Hoeksema e autores (2018, p. 46) propõem que:

Os psicólogos sociais partem da premissa básica de que o comportamento humano é uma função decorrente tanto da pessoa quanto da situação. Cada indivíduo aporta um conjunto único de atributos pessoais para uma situação, o que faz que as pessoas ajam de formas diferentes perante a mesma situação. Mas cada situação também traz um conjunto único de forças que pressionam os indivíduos, levando-os a agir de formas diferentes diante de cada situação.

Como visto, as escolhas, ou tomadas de decisões, sofrem estímulos e pressões externas, pois os sujeitos carregam bagagens culturais, sociais e sexuais; isto é, a identidade desses sujeitos é constituída por camadas de gênero, sexualidade, classe e pertença étnico-racial (MISSE, 1979; VERGUEIRO, 1989; WEEKS, 2019). Ao julgar a função sexual como atributo desacreditador relacionado ao estereótipo de passivo sexual, se reproduz socialmente os vieses cognitivos aplicados à percepção, pensamento e linguagem oriundos da norma em sujeição do *Outro*. Segundo Misse (1979, p. 32), “esse estereótipo está construído sobre a associação entre a função biossexual feminina (que chamaremos aqui de ‘receptor’ do pênis)”, somado a outros atributos desacreditadores que possuem importância simbólica e é transmitida por meio da linguagem. A heurística, enquanto viés cognitivo, pode vir a reproduzir preconceitos estereotipados nas tomadas de decisões.

Freud é citado por Misse (1979) quando, em seus estudos, compara o pênis a objetos com capacidade e poder de penetração, ao passo que associou a vagina, o ânus e a boca aos objetos com cavidades, passíveis de serem penetrados. O passivo sexual, seja o comportamento sexual feminino ou de homossexuais, envolve na psicologia freudiana a distinção entre superioridade e inferioridade estereotipada (MISSE, 1979). Assim, estigmas cristalizados na sociedade alimentam a semântica e a informação que circulam nas massas.

Em estudo feito sobre a representação temática (tratamento intelectual do documento em BCI) de mulheres lésbicas nos catálogos de bibliotecas Elguy e Andrade (2021) buscaram nas linguagens documentárias o impacto social dos termos adotados pelas pessoas catalogadoras ao indexar obras que representam sujeitos não-heterossexuais. Foi observado pelos autores que termos como “*lesbian love*”, “*sapphism*” e “comportamento sexual” são remissivas atribuídas à lesbianidade. Já os

termos “orientação sexual”, “sexo” e “sodomia” são remissivas atribuídas à homossexualidade (Elguy; Andrade, 2021). Inferindo sobre a tomada de decisão na construção dos cabeçalhos de assunto e dos termos selecionados na indexação e recuperação da informação, os estigmas operam como as “modalidades de relações sociais cujos atores, conscientemente, manipulam estes atributos” que visibilizam, invisibilizam e marginalizam o Outro (Misse, 1979, p. 44).

É, portanto, na proposta semântica e metafórica que o estudo – reproduzido neste artigo – de Misse (1979) se deu. O autor observou o discurso social na tomada de decisão no momento de julgar o “normal” como sujeito “ativo” e o Outro (“anormal”) como sujeito “passivo”. Símbolos de normalidade (“prestígio”) está paralelo à anormalidade (“desvantagem”). Desse modo, as demarcações pedagógicas sociais criam na função sexual (feminina e homossexual) signos de submissão e inferioridade (MISSE, 1979). As metáforas e as metonímias do meio social reproduzem cotidianamente estigmas no uso mais comum de termos como representado no quadro (Quadro 2) de Misse (1979, p. 51).

Quadro 2. Sete casos de analogia com termos verbais.

| Termo verbal | Duplo significado na frase | Indicadores |
|-----------------------|---|-------------|
| 1. "FODER" (ativo) | a) penetrar com o pênis em; b) desgraçar, ferir, arruinar; | Prestígio |
| 2. "FODIDO" (passivo) | a) penetrado pelo pênis de; b) infeliz, ferido, desgraçado; | Estigma |
| 3. "TREPAR" (ativo) | a) subir a, elevar-se, difamar a; b) realizar o coito em/com; | Prestígio |
| 4. "COMER" (ativo) | a) ingerir, engolir, alimentar-se; b) penetrar com o pênis em; | Prestígio |
| 5. "COMIDO" (passivo) | a) ingerido, engolido, destruído; b) penetrado pelo pênis; | Estigma |
| 6. "ABRIR" (ativo) | a) desimpedir, descerrar, dar acesso; b) fraquejar, delatar, deixar-se vencer; faacilitar, revelar segredo; | Estigma |
| 7. "FECHAR" (ativo) | a) impedir, encerrar, completar; b) matar, fazer sucesso, colocar dentro, ultrapassar impedindo o outro. | Prestígio |

Fonte: Misse (1979, p. 51).

Nota: Para melhor compreender a seleção de termos e atribuição de significados levantados por Misse (1979) consultar o capítulo “Um símbolo de estigma no discurso cotidiano”.

Por fim, é observado que as heurísticas (enquanto vieses cognitivos) podem contribuir para a reprodução de injustiças sociais, sejam elas: **de disponibilidade** – sobre as inferências a respeito de um termo baseado na facilidade de lembrança (Bazerman; Moore, 2014); **de representatividade** – a falácia da conjunção, ou seja, a distorção sistemática que julga como mais provável uma condição generalista de probabilidade (Bazerman; Moore, 2014); **de confirmação** – como a mente humana recupera as informações da memória e o modo como são consideradas seleções hipotéticas “mostra a tendência humana de receber as hipóteses provisionais como verdadeiras até mesmo possibilita implantar nas pessoas memórias falsas” (Bazerman; MooRE, 2014, p. 81).

O DISCURSO DOS SUJEITOS DE 1979 COMPARADOS AOS DE 2022

Na intenção de replicar a pesquisa de Michel Misse (1979) e alcançar os objetivos propostos por este artigo, esta seção tem como concepção apresentar os dados coletados e compará-los às respostas obtidas por Misse (1979).

Para contextualizar o que se apresentará, a seguir, o *corpus* da pesquisa de Misse (1979, p. 35), o qual entrevistou 46 pessoas da cidade do Rio de Janeiro, sendo elas; “20 mulheres, 20 homens, quatro homens (N= 04) que se declaram homossexuais e duas mulheres (N= 02) que se declaram homossexuais”.

No caso desta pesquisa, obteve-se 16 questionários respondidos. As pessoas respondentes são originárias dos estados de Bahia, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. A população é composta por mulheres cisgênero, femininas, fêmeas (N= 12) e homens cisgênero, masculinos, machos, heterossexuais (N= 04); dentre estes, oito são mulheres heterossexuais (N= 08), duas mulheres (N= 02) se declaram homossexuais, uma mulher (N= 01) se declara bissexual e uma mulher (N= 01) se declara pansexual. A idade das respondentes se comporta entre as décadas de 1960 e 1990.

A primeira pergunta (Quadro 3) de Misse (1979) é: “Você é passivo?”. As pessoas que o responderam – divididas por gênero e orientação sexual – questionaram a subjetividade da pergunta, o que foi propositadamente fundamentada pelo autor. Dente os respondentes, 20 homens heterossexuais disseram não serem passivos, oito mulheres heterossexuais disseram ser passivas e 12 não são passivas. O autor não declarou os gêneros das pessoas homossexuais respondentes, apenas informa que duas responderam que são passivas e quatro não são passivas.

Quadro 3. Você é passivo?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexuais |
|-------|----------------|----------|--------------|
| | Homens | Mulheres | |
| Sim | — | 8 | 2 |
| Não | 20 | 12 | 4 |

Fonte: Misse (1979, p. 36).

Repetindo a mesma pergunta de forma subjetiva (Quadro 4) na pesquisa com as pessoas mestradas respondentes desta pesquisa, quatro homens heterossexuais respondem que não são passivos. Entre as mulheres heterossexuais, duas responderam que são passivas e seis responderam que não são; entre as mulheres homossexuais, uma respondeu sim e uma respondeu não; a mulher bissexual respondeu que sim; por fim, a mulher pansexual respondeu que não.

Quadro 4. Você é passivo?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexual | Bissexual | Pansexual |
|-------|----------------|----------|-------------|-----------|-----------|
| | Homens | Mulheres | | | |
| Sim | — | 2 | 1 | 1 | — |
| Não | 4 | 6 | 1 | — | 1 |

Fonte: elaborado pela autoria (2022).

Nota: A pesquisa obteve uma heterogenia das orientações sexuais apenas por parte das mulheres, dessa forma os quadros não apresentarão as orientações sexuais masculinas.

Assim como na pesquisa de Misse (1979) houve incertezas sobre a subjetividade da pergunta, inclusive uma pessoa escreveu nos comentários que esta questão se parecia com a questão que vem em sequência. Outras respostas contribuem com o tema do estigma do passivo sexual e avançam sobre determinadas funções sociais e sexuais:

- “Não me considero passiva nem socialmente nem sexualmente” (mulher, heterossexual, 26 anos, respondeu “não”);
- “Na vida, sou uma pessoa extremamente ativa. Não espero ou dependo de ninguém para realizar minhas tarefas” (mulher, homossexual, 40 anos, respondeu “não”);
- “Não sou submissa” (mulher, heterossexual, 47 anos, respondeu “não”);
- “Vejo que eu me coloco em minhas escolhas tanto sentimentais e sexuais. Não faço algo que não queira para deixar outra pessoa mais confortável ou na posição de líder de algo. Já fui uma pessoa [passiva] que aceitava algo apenas pra ter cia. E isso tirou mais de mim do que recebi” (mulher, pansexual, 37 anos, respondeu “não”).

Na sequência Misse (1979) pergunta “Você é passivo sexualmente?” (Quadro 5). O autor esperava respostas coerentes com o cotidiano dos respondentes e propôs que não o interessava as respostas, mas como as pessoas as responderiam. Dessa forma, ele iria simbolizar a “pesquisa” feita, o “ponto de vista dominante” e a “sociedade com a qual se defrontam, nos seus papéis [sic], cotidianamente” (Misse, 1979, p. 37). Novamente, houve unanimidade entre os 20 homens heterossexuais, os quais inferiram não serem passivos sexuais; 11 mulheres heterossexuais disseram ser passivas sexualmente, seis não são passivas e três não responderam. Dentre as pessoas homossexuais – não subdivididas por gênero –, uma pessoa respondeu ser passiva sexual e cinco responderam não.

Quadro 5. Você é passivo sexualmente?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexuais |
|--------------|----------------|----------|--------------|
| | Homens | Mulheres | |
| Sim | — | 11 | 1 |
| Não | 20 | 6 | 5 |
| Não responde | — | 3 | — |

Fonte: Misse (1979, p. 37).

Dentre os comentários destacados por Misse (1975), elegemos a fala de uma mulher de 32 anos por se associar à pedagogia biossexual e à demarcação dos corpos, como aponta Weeks (2019), que fomentam estigmas sociais: “A mulher foi feita passiva pela natureza, ela é que tem que se entregar ao homem numa relação sexual. Já ouvi dizer que o homem gosta de mulher ativa (...) mas pelo que eu sei eles gosta mesmo é de tomar conta da situação” (Misse, 1975, p. 38).

Com a mesma pergunta (Quadro 6) aplicada nesta pesquisa, porém, direcionada ao cenário da pós-graduação brasileira, três homens heterossexuais respondem que não são passivos sexualmente. Entre as mulheres heterossexuais, quatro responderam que são passivas sexualmente e três responderam que não são; entre as mulheres homossexuais, uma respondeu ser passiva sexualmente e a outra preferiu não

responder; a mulher bissexual respondeu que sim; e, por último, a mulher pansexual respondeu que não.

Quadro 6. Você é passivo sexualmente?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexual | Bissexual | Pansexual |
|---------|----------------|----------|-------------|-----------|-----------|
| | Homens | Mulheres | Mulher | Mulher | Mulher |
| Sim | — | 4 | 1 | 1 | — |
| Não | 3 | 3 | — | — | 1 |
| Não sei | — | — | — | — | — |
| Não | 1 | 1 | 1 | — | — |

Fonte: elaborado pela autoria (2022).

Desta questão também houve comentários por parte das pessoas participantes:

- “Podia ter a opção flexível/relativo” (mulher, bissexual, 25 anos, respondeu “sim”);
- “Por ser mulher muitos me consideram passiva” (mulher, heterossexual, 47 anos, respondeu “sim”);
- “Não me considero uma pessoa passiva sexualmente por que coloco minhas vontades como prioridade e não apenas o que o parceiro quer” (mulher, heterossexual, 26 anos, respondeu “não”);
- “Porque eu e meu marido participamos de forma ativa na relação” (mulher, heterossexual, 50 anos, respondeu “não”);
- “No sexo tudo é válido” (mulher, homossexual, 40 anos, preferiu não responder à questão).

A terceira e última pergunta de Misse (1979) questiona se “é bom ser passivo sexualmente” (Quadro 7). Grande parte dos homens (N= 12) disseram que não sabiam responder, seis respondentes disseram que as mulheres gostam de ser passivas sexualmente (responderam “sim”), dois homens responderam “não” e disseram que as mulheres se sentiam humilhadas na posição de passiva sexual. A maioria das mulheres (N= 11) respondeu “não” para a pergunta; sete mulheres disseram que sentem prazer como passivas sexualmente e gostam do homem dominando. Todas as pessoas homossexuais, homens e mulheres, responderam “sim” para a pergunta.

Quadro 7. É bom ser passivo sexualmente?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexuais |
|----------|----------------|----------|--------------|
| | Homens | Mulheres | |
| Sim | 6 | 7 | 6 |
| Não | 2 | 11 | — |
| Não sabe | 12 | 2 | — |

Fonte: Misse (1979, p. 39).

A pergunta foi replicada (Quadro 8), e dentre as pessoas respondentes, todos os homens não souberam responder. Entre as mulheres, duas heterossexuais responderam que é bom ser passiva sexualmente, duas disseram que “não” e três não souberam responder; as mulheres homossexuais e a mulher bissexual disseram que “sim”; por fim, a mulher pansexual respondeu que não é bom ser passivo sexualmente. Portanto, em sua maioria (N= 5), as mulheres respondem que é bom serem sexualmente passivas. Contudo, esta resposta não é cartesiana, é subjetiva, pelo motivo da maioria das pessoas respondentes (N= 8) não saberem responder ou não

quiseram responder à pergunta. Não se pode assumir ser uma preferência das mulheres serem passivas ou aceitarem a condição de ser passiva no sexo sem considerar todo o cenário da pesquisa. Há uma complexidade no comportamento dos sujeitos sociais que precisa ser profundamente analisada, o que não é o propósito deste estudo.

Quadro 8. É bom ser passivo sexualmente?

| Resp. | Heterossexuais | | Homossexual | Bissexual | Pansexual |
|---------|----------------|----------|-------------|-----------|-----------|
| | Homens | Mulheres | Mulher | Mulher | Mulher |
| Sim | — | 2 | 2 | 1 | — |
| Não | — | 2 | — | — | 1 |
| Não sei | 4 | 3 | — | — | — |
| Não | — | 1 | — | — | — |

Fonte: elaborado pela autoria (2022).

Os comentários das pessoas respondentes exemplificam a profundidade e complexidade dos sujeitos sociais, e impedem uma generalização e a replicação de estereótipos a partir das respostas obtidas:

- “Tão bom, quanto ser ativa” (mulher, homossexual, 40 anos, respondeu “sim”);
- “Não gosto de submissão” (mulher, heterossexual, 47 anos, respondeu “não”);
- “Acredito que cada pessoa tem sua preferência, mas a minha característica não é essa.” (mulher, heterossexual, 50 anos, respondeu “não”);
- “Não, pois coloco para a pessoa o [que] quero fazer e não apenas o que o outro deseja de mim” (mulher, pansexual, 37 anos, respondeu “não”).

Para este artigo, foi solicitado que as discentes organizassem sinônimos para os termos “passivo” e “ativo” que foram anteriormente recolhidos dos discursos das entrevistas feitas por Misse (1979). O autor infere que: “as expressões usadas para as definições foram dos próprios entrevistados” e que ele reuniu “as mais constantes ou mais expressivas para o estudo, buscando organizá-las no quadro segundo sua ‘oposição’” (Misse, 1979, p. 41).

O quadro a seguir traz os termos recuperados por Misse (1979) e o número de vezes que foram repetidos nas entrevistas feitas por ele. Para este artigo, a proposta foi solicitar livremente que as pessoas que participaram da entrevista elencassem os termos relacionados na questão de acordo com o que se considera como um sujeito passivo.

No estudo de Misse (1979), “passivo” foi definido como “não reage”, a frequência foi de 39 repetições (Quadro 9). Na pesquisa atual, o termo “passivo” pode ser definido ou associado com mais frequência como “quieto”, “submisso” e “não reage”. O termo “submisso”, embora não tenha se posicionado em primeiro lugar, foi colocado sete vezes como primeira opção de definição, de acordo com o julgamento das pessoas que optaram em responder à pergunta. Quanto às definições de “ativo” colocadas como opostas por Misse (1979), relacionou-se ao termo “sujeito da ação” 40 vezes. Na

pesquisa aplicada aos discentes de pós-graduação brasileiros, “ativo” foi definido ou associado com maior frequência como “dominador” em primeiro lugar (N= 6) e como “sujeito da ação” (N= 6).

Quadro 9. Definição dos termos passivo e ativo.

| Ranking | Definição de passivo | Frequência | Ranking | Definição de ativo | Frequência |
|---------|----------------------|------------|---------|--------------------|------------|
| 1º | Quieto | 34 | — | Barulhento | 6 |
| 2º | Submisso | 32 | 1º | Dominador | 36 |
| 3º | Não reage | 39 | 2º | Sujeito da ação | 40 |
| 4º | Aproveitam dele | 22 | 8º | Tira vantagem | 15 |
| 5º | Medroso | 8 | 6º | Corajoso | 27 |
| 6º | Fraco | 17 | 5º | Forte | 16 |
| 7º | Bunda mole | 2 | — | — | — |
| 8º | Covarde | 6 | 9º | Agressivo | 31 |
| 9º | Fresco | 9 | 10º | Macho | 30 |
| 10º | Viado | 7 | 7º | Víril | 23 |

Fonte: adaptado de Misse (1979, p. 41).

Nota: O termo “barulhento” não foi apresentado como opção para os entrevistados desta pesquisa. Não há oposto correlativo para o termo “bunda mole” na pesquisa de Misse (1979).

Não foi informado às pessoas participantes que os termos são considerados opostos buscando a coerência das respostas e a liberdade de exprimir os pensamentos. A subjetividade da pergunta e os termos replicados de Misse (1979) causou “desconforto” e estranhamento em algumas das pessoas entrevistadas. O desconforto foi justificado pelos participantes os quais disseram que os termos não condizem com o seu posicionamento e pensamento. Disseram também que deveria ter uma opção de não escolher nenhuma das definições propostas para “passivo” e “ativo”. Outra implicação relatada pelas participantes foi o fato dos termos elencados serem pejorativos e reproduzirem machismo, estereótipos e preconceitos como a homofobia e misoginia.

A pedagogia normativa fomenta vieses cognitivos na sociedade, o poder do dominante sobre o dominado não é algo explicitado, está emaranhado nas camadas de identidade. As injustiças sociais são alimentadas pelos discursos sexistas e normativos da sociedade, porém, como demonstrado, as pessoas da nossa contemporaneidade (ano de 2022) tem uma liberdade maior para se expressar, principalmente quando se fala sobre mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquilo que o sujeito representa é construído social e culturalmente, há uma forte tendência de os sujeitos buscarem características de correspondência que mantenham uma padronização das identidades na sociedade. A pedagogia aplicada aos discursos gera estigmas sociais por meio da semântica e das metáforas no imaginário social imbuído de saber e poder. Percebe-se, portanto, que o pensamento humano usa da semântica para elaborar estratégias cognitivas e, assim, referência ou simboliza os signos linguísticos.

Embora não atingindo o número total de respondentes (N= 36), a pesquisa conseguiu alcançar seu objetivo maior: a investigação nos discursos das pessoas mestradas em determinado curso de Ciência da Informação brasileiro. Há vieses cognitivos que prejudicam a função sexual de mulheres e homens, sendo a passividade conectada ao feminino.

Foi observado que há consideráveis mudanças na sociedade contemporânea (da década de 2020) em comparação com a sociedade da década de 1970 quanto aos comportamentos sexuais, discursos machistas e sexistas. As discentes que participaram desta pesquisa são em sua maioria mulheres cisgênero e compreendem a sujeição e as violências na linguagem e nos comportamentos que a pessoa passiva e passiva sexualmente é colocada no meio social. Foi observado que a posição de passivo, ainda que estigmatizada socialmente, pode ser uma predileção no ato sexual.

Atenta-se, também, para o discurso falacioso e os vieses cognitivos são rizomas sociais, culturais, linguísticos e pedagógicos, que demanda um olhar holístico e crítico no julgamento do *Outro*, principalmente nas práticas dos atores da BCI, que tratam da informação como forma de emancipação social.

Observa-se que outros estudos são necessários para ampliar o fomento não-hegemônico do normativo social, a saber: uma abordagem interseccional avaliando o pertencimento étnico-racial; o olhar dos estudos *Queer* que se desprendem do binário de gênero etc. Assim, amplia-se o combate às injustiças sociais nos campos do saber, principalmente na área da CI, que trata dos sujeitos e suas competências em informação. Para ampliar os debates promovidos nesta pesquisa, a análise de discurso poderia ser aplicada e, por sua vez, contribuir com os avanços nas pesquisas léxico-discursivas, que se aproximam da máxima foucaultiana de “saber e poder”.

Por fim, considera-se que os ambientes hostis e repressores na vida pública e privada contribuem para o silenciamento das identidades que se encontram à margem do social, reforçando os padrões heteronormativos e as injustiças sociais. Contudo, injúrias, preconceitos, estereótipos e comportamentos dogmáticos – ainda que constantes – não impedem os sujeitos de se designarem e performarem seus gêneros e sexualidades. A permanência do *Outro* reforça as tramas plurais do tecido sociocultural e do poder que transcende às normas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

FINANCIAMENTO

Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação, da Universidade do Estado de Santa Catarina pela concessão de bolsa ao autor Diogo Roberto da Silva Andrade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Flávio da Silva, 2019. A tomada da decisão judicial criminal à luz da psicologia: heurísticas e vieses cognitivos. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal* [em linha]. janeiro a abril de 2019. vol. 05, no. 01, p. 507-540. [Acesso em: 10 nov. 2022]. Disponível em: <https://revista.ibraspp.com.br/RBDPP/article/view/172>.
- ARRUDA, Anderson Matheus Alves; ARAUJO, Ronaldo Ferreira de, 2021. Travestis e pessoas transexuais na mídia alagoana: análise do discurso em portais online. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. 2021. vol. 17, [s.n.], p. 1-20. [Acesso em: 09 nov. 2022]. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1504>.
- BAZERMAN, Max Hal; MOORE, Dan, 2014. *Processo Decisório*. 8ª ed. Campus.
- CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger, 2007. O conceito de informação. *Perspectiva em Ciência da Informação* [em linha]. 2007. vol. 12, no. 1, p. 148-207. [Acesso em 26 out. 2022]. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>.
- CONSELHO Nacional de Saúde, 2016. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016. [Acesso em 26 out. 2022]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini, 2014. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação* [em linha], setembro a dezembro de 2014. vol. 19, no. 41, p. 23-40. DOI [10.5007/1518-2924.2014v19n41p23](https://doi.org/10.5007/1518-2924.2014v19n41p23). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>.
- ELGUY, Larissa Pena; ANDRADE, Diogo Roberto da Silva, 2021. As invisibilidades de homossexuais sob a perspectiva lésbica na representação temática nos catálogos das bibliotecas. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina* [em linha], 2021. vol. 26, no. 03, p. 1-12. [Acesso em: 10 nov. 2022]. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1821>.
- FOUCAULT, Michel, 2020. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- LOURO, Guacira Lopes (org.), 2019. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- MAUSS, Marcel, 2003. As técnicas do corpo. Em: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MISSE, Michel, 1979. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva; MATA, Marta Leandro da, 2021. O comportamento informacional e a competência em informação: uma abordagem a partir do contexto das pessoas trans e travestis. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. 2021. vol. 17, no. esp., p. 01-19. [Acesso em: 9 nov. 2022]. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1657>.

NOLEN-HOEKSEMA, Susan *et al.*, 2018. *Atkinson & Hilgard: introdução à Psicologia*. 2. ed. São Paulo: Cengage.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de, 2013. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat, 2005. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da, 2022. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, [em linha]. 2022. vol. 27, no. 1, p. 1-19. [Acesso em: 09 nov. 2022]. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1885>.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos, 1989. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis; APB,.

WEEKS, Jeffrey, 2019. O corpo e a sexualidade. Em: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica.